



remaea

Editorial

Paula Corrêa Henning¹

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3697-9030>

Cíntia Gruppelli da Silva²

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4971-6822>

Juliana Corrêa Pereira Schlee³

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3566-2181>

É dezembro de 2021 e permanecemos atentos a COVID-19. Um tempo que, além dos registros em nossas memórias, nos deixa inúmeras aprendizagens nos modos de nos relacionarmos, convivemos e sentirmos a vida. Envoltos a tudo isso, fechamos mais um número da REMEA e, desta vez, tendo o Grupo de Trabalho da Educação Ambiental da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação como protagonista dos 19 artigos que apresentamos aqui.

¹ Doutora em Educação, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Bolsista Produtividade do CNPq 2. Rio Grande, Brasil. E-mail: paula.c.henning@gmail.com

² Doutoranda em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Mestre em Educação Profissional e Tecnologia - IFSUL - Pelotas/RS. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/ FURG; CAPES; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: cintiagruppelli@gmail.com

³ Doutoranda em Educação Ambiental, Mestre em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/ FURG; CAPES; Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: julianaschlee@gmail.com

Nesse número a REMEA aposta nos grupos de pesquisa que compõem o GT22 e tece seu material tendo como fio condutor as investigações brasileiras que circulam junto a esse importante espaço de proliferação das pesquisas em Educação Ambiental no país. O objetivo do presente volume é oferecer à comunidade científica produções que evidenciem os movimentos epistemológicos e metodológicos que se produzem em um importante local de luta política a favor da Educação e da Ciência no Brasil.

Contamos com diferentes grupos de pesquisa e apresentações dos estudos que se desdobram em seus encontros e com seus coletivos. Todos eles compõem o GT22 e dão vida ao campo da Educação Ambiental, fortalecendo suas lutas e resistências junto ao um país que faz minguar a EA e as discussões concernentes a pensar nossas relações com o mundo e o planeta que habitamos. Os 19 artigos aqui reunidos nos convidam a assumir nossas investigações e estudos como um ato de resistência para nos potencializarmos enquanto educadores ambientais.

O desejo dos/as autores/as é que possamos alargar nosso pensamento, inventando outros modos de nos relacionar com a educação ambiental e, com isso, fortalecermos nosso campo de saber. Aqui, os/as pesquisadores/as escolhem tomar a EA como um ato político, de resistência ao instituído e aos inúmeros acontecimentos que nos chegam, cada vez mais escandalosos, de desrespeito aos humanos e não humanos em nosso país e no mundo de um modo geral.

É com o convite de pensar o nosso tempo e mirar pesquisas educacionais que insistem em posicionar-se a respeito da presença da educação ambiental em múltiplos espaços que o terceiro número de 2021 da REMEA chega ao leitor. Os/As autores/as aqui reunidos são pesquisadores/as do campo e apresentam suas análises a partir de múltiplos recortes metodológicos e epistemológicos fortalecendo o campo da EA com diferentes modos de enxergá-lo e, quiçá, assumindo coletivamente, sua presença no mundo.

Assim, abrimos esse volume com o Professor Silvio Gallo, da Universidade Estadual de Campinas. Em seu texto, ele propõe um olhar estrangeiro para as pesquisas em Educação Ambiental no Brasil, no artigo intitulado **A pesquisa em Educação Ambiental no Brasil contemporâneo: entre o campo disciplinar e a governamentalidade democrática**, provoca questionamentos sobre a constituição de um campo disciplinar pela educação ambiental no Brasil nas últimas décadas. O pesquisador, sob aporte teórico em Michel Foucault, realiza a

análise através de uma “governamentalidade democrática” e conclui com um desafio de realizar uma pesquisa anarqueológica sobre o campo da Educação Ambiental.

As pesquisadoras Nayara Elisa Costa da Conceição, da Secretaria de Estado de Educação de Goiás (SEDUC/GO) e Shaula Maíra Vicentini de Sampaio, da Universidade Federal Fluminense (UFF), realizaram oficinas com alunos de graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o intuito obter imagens (e histórias) de sustentabilidade do cotidiano de cada aluno participante. No artigo, **Sustentabilidade no cotidiano: uma investigação de sentidos por meio de redes de imagens, oficinas e histórias**, as pesquisadoras olham para estas imagens produzidas, buscando investigar o que essas imagens disparam e narram sobre sustentabilidade e os sentidos que isso produz nos sujeitos.

João Batista de Albuquerque Figueiredo, da Universidade Federal do Ceará – UFC, com o artigo intitulado: **A produção da pesquisa em Educação Ambiental no Nordeste e Pesquisa Dialógica** apresenta, no âmbito dos Programas de Pós-Graduação do Nordeste Brasileiro, até 2018, um trabalho que tem como objetivo anunciar o estado da arte da pesquisa em Educação Ambiental (EA). Utiliza como referencial teórico-metodológico a Pesquisa Dialógica associada à Bricolagem, enquanto método e técnica de pesquisa. Como resultado, ainda que exista forte tendência da pesquisa em EA se identificar com as abordagens ditas críticas, muitas ainda se configuram como propostas sem impacto efetivo nas transformações sociais desejadas.

O artigo **Educação Ambiental nas redes educativas do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas**, dos pesquisadores Soler Gonzalez e Andreia Teixeira Ramos, da Universidade Federal do Espírito Santo, realizaram uma abordagem sobre as andarilhagens do grupo de pesquisa Territórios de aprendizagens autopoiéticas (CNPq). Ao apresentarem as produções acadêmicas e as discussões epistemológicas e metodológicas que surgiram com as pesquisas realizadas, os pesquisadores expõem como o grupo de pesquisa contribuiu com a pesquisa narrativa, a pesquisa cartográfica e com a perspectiva ecologista de educação, tecendo a educação ambiental com a educação das relações étnico-raciais, nos cotidianos escolares.

Buscando inspiração entre povos indígenas brasileiros para educar as crianças em conexão com a Terra é o título do artigo de Lea Tiriba, Amanda Vollger e Jéssica Elias Pereira

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO), o qual tem o objetivo de compartilhar resultados parciais de pesquisas sobre relações entre crianças e natureza, entre povos indígenas brasileiros. Os achados aqui apresentados são frutos de pesquisa bibliográfica, análise de teses e dissertações e artigos de universidades públicas do sudeste brasileiro, como depoimentos de lideranças e visitas a aldeias indígenas. Os resultados revelam a importância de conhecer e compreender as culturas originárias brasileiras, que tem como cerne a busca pela vitalidade, pela pulsão de experienciar a vida com o outro e com o cosmo, buscando, assim, aprender com esses povos os saberes necessários a um convívio equilibrado entre seres humanos e com a natureza.

As autoras Mônica Andrade Modesto, Isabelle Aparecida Dellela Blengini, Aline Lima de Oliveira Nepomuceno, Maria Inês Oliveira Araújo, da Universidade Federal de Sergipe – UFS, no artigo **Pesquisa em Educação Ambiental: balanço da produção científica do GEPEASE de 2017 a 2021** realizaram um estudo do tipo Estado da Arte para avaliar produção científica ligada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental de Sergipe GEPEASE, referente ao período de 2017-2021, com a finalidade de compreender as tendências teórico-metodológicas que orientaram as pesquisas desenvolvidas no grupo, ancorando-se nos princípios da Educação Ambiental Crítica. Segundo as autoras, o GEPEASE situado na Universidade Federal de Sergipe, realiza reuniões de estudos e discussões epistemológicas embasadas na tendência crítica da Educação Ambiental, reafirmando como espaço de resistência, discussão e construção.

O artigo **Possibilidades potentes para a formação de educadores ambientais: a “ComVivência Pedagógica”**, de Jeniffer de Souza Faria e Mauro Guimarães, ambos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, nos brinda com reflexões sobre a formação de educadores ambientais, em uma perspectiva radical, diante da grave crise socioambiental em que vivemos. A partir da proposta teórica-metodológica da ComVivência Pedagógica, destacando sua base nos cinco princípios formativos e outros elementos que a compõe como o ambiente educativo, a experiência significativa e a potência na transformação do educador como um “Ser mais ambiental”, os autores consolidam conceitos e elencam algumas pistas que contribuem para que outras propostas sejam desenvolvidas e articuladas no campo da Educação Ambiental.

Narrativas, Educação Ambiental e Práticas de Tecnologias Digitais: alguns apontamentos é o artigo intitulado por Graça Regina Armond Matias Ferreira, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, e por Marco Antônio Leandro Barzano, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Este artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado que buscou cartografar os sentidos das narrativas dos alunos de Ensino Médio da zona rural da Bahia. Para isso, os pesquisadores realizaram uma pesquisa bibliográfica de forma a compor o estado da arte que envolve as categorias teóricas Educação Ambiental e as Tecnologias Digitais, tendo como base para esta escrita os anais do EPEA e da ANPed.

Marlécio Maknamara, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, com a questão **Onde está o/a educador ambiental na formação docente em Biologia e em Geografia?**, nos traz um artigo que movimenta possibilidades de relação entre Educação Ambiental e as disciplinas de Biologia e de Geografia com a hipótese de que práticas de formação docente para tais disciplinas seriam instâncias privilegiadas de constituição de educadores/as ambientais. Com o objetivo de esboçar conceitos e procedimentos para rastrear indícios da constituição de educadores/as ambientais em narrativas (auto)biográficas de docentes dessas disciplinas, o autor discute modos de acessar e de problematizar tais narrativas.

As pesquisadoras Patrícia Rosas Porto, Tereza Verena Melo da Paixão Sampaio e Celia Tanajura Machado, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no artigo **Educação Ambiental: tendências contemporâneas e o esperar no enfrentamento dos problemas socioambientais**, analisaram as repercussões da crise da pandemia da Covid-19 e das políticas conservadoras sobre a Educação Ambiental atualmente. Os referenciais para esta pesquisa é atuação do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental, Políticas Públicas e Gestão Social dos Territórios (Gepet) na defesa da Educação Ambiental e a ênfase nos interesses do Estado, frente às políticas de Educação Ambiental.

Compreendendo que a escola pública se revela cada vez mais uma instituição social disputada por diferentes setores sociais e frações de classes, sua conquista pela classe trabalhadora se revela condição para a transformação da realidade escolar pública brasileira. Pensando nisso, o artigo: **A pesquisa em Educação Ambiental na disputa pela escola pública: o materialismo histórico-dialético como fundamento teórico-metodológico**, resultante da parceria de Marcela de Moraes Agudo (Universidade Federal de Itajubá/MG) e Lucas André Teixeira (Universidade Estadual Paulista – Araraquara/SP), busca debater e

analisar o materialismo histórico-dialético como fundamento radical tendo em vista uma Educação Ambiental crítica na escola pública. Esse tema trata das produções de conhecimentos do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental – GPEA, que desenvolve suas atividades junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da UNESP-Bauru.

No artigo **Produção acadêmica e práxis educativa do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental, Políticas Públicas e Gestão Social dos Territórios – GEPET/UNEB: contribuições para o campo da Educação Ambiental**, os pesquisadores Avelar Luiz Bastos Mutim (Universidade do Estado da Bahia/UNEB), Aline de Oliveira Costa Santos (Instituto Federal da Bahia/IFBA), Jeane Pinto de Almeida (Universidade do Estado da Bahia/UNEB) e Rosa Maria Silva Furtado (Universidade do Estado da Bahia/UNEB), realizaram a análise da produção do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental, Políticas Públicas e Gestão Social dos Territórios (GEPET) sobre Educação Ambiental.

Com as lentes focadas nos conflitos pessoais e socioambientais no ambiente escolar, Luiz Gonzaga Lapa, em conjunto com Cláudia Pato (ambos da Universidade de Brasília – UnB), traz o artigo **Formação de valores pessoais pró-sociais no ambiente escolar**. Este estudo investigou os valores pessoais de estudantes de uma escola pública do Distrito Federal-DF, com vistas à formação de valores voltados ao bem comum. A partir de oficinas vivenciais centradas na formação de valores pró-sociais, combinadas com rodas de conversa e entrevistas, foi possível mapear transformações nas relações interpessoais e socioambientais, resultando em um ambiente escolar mais solidário e colaborativo, evidenciando o potencial desse processo formativo.

Contribuições da complexidade de Morin para o campo da Educação Ambiental: um diálogo entre os grupos GEPEACOM e NEA é o artigo intitulado pelas pesquisadoras Daniele Saheb (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), Daniela Gureski Rodrigues (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), Adriana Massae Kataoka (Universidade Estadual do Centro-Oeste) e Juliana Mara Antonio (Universidade Estadual do Centro-Oeste). No trabalho as pesquisadoras descrevem os desdobramentos ocorridos na aproximação entre dois grupos de pesquisa GEPEACOM e NEA, e que possuem em comum nas suas investigações o olhar para a Educação Ambiental a partir da Complexidade.

Universidades e suas áreas verdes: lugares sonhados, territórios imaginados e contextos reais é o título do artigo da Rita Paradedda Muhle (Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE) e da Isabel Cristina de Moura Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG). O trabalho discute as relações de oito universidades do Rio Grande do Sul com a gestão de suas áreas verdes, buscando compreender como as vinculavam aos projetos educacionais e processos de ambientalização institucional. Para tanto, utilizaram técnicas de observação-participante, entrevistas semiestruturadas e análise documental, em que foi possível verificar que a permanência dessas áreas parece depender mais de pessoas engajadas na sua preservação do que da garantia institucional.

O artigo da Martha Tristão, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES: **Apontamentos de pesquisas produzidas pelo NIPEEA como fluxos de reexistências de uma Educação Ambiental decolonial** é fruto de algumas pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (NIPEEA). Problematicando a Educação Ambiental decolonial como uma máquina desejante, este estudo tem como objetivo engendrar linhas de fuga em meio ao poder axiomático do dispositivo da colonialidade. A autora compreende a Educação Ambiental decolonial como promotora de fluxos decolonizadores que se articulam para além dos *espaçotempos* comunitários-escolares, pois se pode articular como máquina, uma máquina *desejanteambiental* que engendra fluxos de *naturezasculturas*. E são esses fluxos cartografados nas pesquisas, como movimentos de reexistências, que criam possibilidades e facilitam uma Educação Ambiental decolonial.

Através de um relato da trajetória e a apresentação de um panorama da produção do grupo de pesquisa *Ágora*, a pesquisadora Maria Bernadete Sarti Silva Carvalho, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, apresentou no artigo intitulado **A Temática Ambiental e o Processo Educativo nas pesquisas do grupo *Ágora*: uma trajetória de três décadas**. Segundo a pesquisadora, foram produzidas investigações sobre práticas pedagógicas, concepções e representações de natureza e meio ambiente, bem como análises e proposições no subcampo das políticas públicas para a EA.

No artigo **A Educação Ambiental em Salas Verdes no estado de São Paulo**, os/as autores/as Fernanda Nogueira Lopes (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

– Unesp) e Luiz Carlos Santana (Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho), nos apresentam uma pesquisa desenvolvida no interior do grupo Ágora. Os autores dão ênfase a análise de dois Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) para Salas Verdes no estado de São Paulo. Segundo os pesquisadores, os resultados mostram que existem lacunas com relação aos princípios e objetivos da PNEA, a exemplo da Educação Ambiental integrada com a ciência e tecnologia, nas Salas Verdes estudadas.

Fechamos o Dossiê com o artigo **La sostenibilidad come escucha: del paisaje sonoro al paisaje sensorial**, de Cristina Palmese (estúdio Paisaje Sensorial Office-Lab) e José Luis Carles Arribas (Universidad Autónoma de Madrid) o qual propõe a valorização das paisagens sonora e sensorial, considerando a importância de uma revisão crítica e redefinição da relação entre o ser humano e a natureza. Destacam, ainda, a necessidade de desenvolver metodologias que levem em conta o som, o subjetivo, o emocional, e a criação de novas redes de conexão entre as disciplinas, consolidando, assim, o pensamento multidisciplinar já amplamente aceito em nossa cultura; com o foco em uma Educação Ambiental abrangente e ações participativas.

Com a reunião desses artigos convidamos o leitor a pensar conosco nas educações ambientais que nos chegam e nas possibilidades de multiplicá-las. Quiçá, desse modo, possamos resistir ao apequenamento da EA em nosso país, mobilizando pensamentos críticos e ácidos aos acontecimentos desastrosos que temos visto se alastrar quando se trata das relações com o mundo e a vida. Que esse número possa compor, minimamente, um modo de dizer não a esses acontecimentos e fazer brilhar outras relações entre humano/não humano e suas culturas. Boa leitura a todos!